



O uso de moedas metálicas no Brasil*

Luciano Ferro Fernandes

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender a utilização de moedas metálicas pelo cidadão brasileiro, procurando demonstrar como ela afeta as transações comerciais e o quanto a sua produção custa aos cofres públicos anualmente. Diante da carência de livros sobre o tema proposto, a pesquisa baseou-se na análise de dados coletados no site do Banco Central do Brasil, de artigos e reportagens publicados na internet e em entrevistas realizadas com moradores das cidades de Salvador/BA e Camaçari/BA, procurando entender na prática: a importância dispensada às moedas, as medidas que poderiam ser adotadas para resolver o problema da falta de troco e o grau de conhecimento das pessoas acerca dos custos de produção. Tal pesquisa levou o autor a concluir que dificilmente o brasileiro mudará a forma como trata suas moedas, as quais, na sua opinião, estão condenadas ao desaparecimento e serão lentamente substituídas pelos meios de pagamento eletrônico nos próximos anos.

Palavras-chave: Moedas metálicas; Utilização; Custo.

* Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Gestão Pública, da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Gestão Pública, sob orientação da Prof^ª. Patrícia da Silva Meneghel.



1. INTRODUÇÃO

Todos os anos o Banco Central do Brasil coloca milhões de moedas em circulação e, mesmo possuindo uma vida útil indeterminada, diferentemente das cédulas de papel-moeda que costumam durar poucos anos (2 a 3 anos, em média), as moedas simplesmente desaparecem do mercado, gerando um enorme prejuízo aos cofres públicos. A falta de troco, além de aborrecimentos, gera outras consequências desagradáveis como: inflação e vendas que não se concretizam.

Muitos são os livros que tratam sobre as origens e a evolução das moedas e também pesquisas que demonstram como as pessoas lidam com o dinheiro de uma maneira geral (cédulas e moedas), mas nenhuma bibliografia ou estudo dedicou-se a entender especificamente as razões que levam o brasileiro a evitar o dinheiro metálico. Diante da escassa literatura sobre o assunto abordado, o trabalho foi desenvolvido de maneira empírica, mediante a consulta e análise de dados disponibilizados no site do Banco Central do Brasil, leitura de artigos e reportagens publicados na internet e a realização de entrevistas com vinte pessoas, moradoras das cidades de Camaçari/BA e de Salvador/BA, nos bairros de Barra do Jacuípe e Barra, respectivamente. A pesquisa foi dividida em dois grupos de mesmo tamanho, de um lado procurou-se ouvir os proprietários de pequenos comércios localizados nesses bairros (padaria, farmácia e mercado) e que dependem de troco para venderem seus produtos, do outro lado ouviu-se os clientes desses estabelecimentos. Todos os entrevistados foram submetidos à oito perguntas objetivas e suas respostas contribuíram para que o autor pudesse entender melhor, na prática, esse desprezo que o brasileiro tem por moedas metálicas.

As perguntas foram criadas e distribuídas de forma a encontrar respostas à três questões consideradas essenciais:

1. Qual a importância que o brasileiro dá ao uso de moedas nas transações comerciais?
2. Que medidas poderiam ser adotadas para resolver problema da falta de troco?



3. Qual o grau de conhecimento do cidadão sobre os custos de produção do dinheiro de metal?

Com o propósito de contextualizar melhor o assunto e demonstrar a relevância do papel desempenhado pelas moedas metálicas ao longo da história da humanidade, o autor faz um breve relato sobre as origens desse importante meio de troca, bem como a sua chegada ao Brasil trazida pelos colonizadores europeus, com destaque para os portugueses, espanhóis e holandeses.

2. A ORIGEM DA MOEDA

Houve uma época em que o escambo (troca de mercadorias ou serviços de valor equivalente) já não atendia mais as demandas comerciais, afinal não era fácil encontrar alguém que, além de possuir o produto desejado, estivesse disposto a trocá-lo pelo produto que tínhamos para oferecer, ou seja, as trocas só eram efetivadas quando houvesse uma “coincidência de desejos”.

Para facilitar essas trocas seria necessário encontrar algo que fosse facilmente aceito por todos. Muitos foram os objetos/mercadorias utilizados como intermediários nas trocas (arroz, tecido, sal, conchas, etc.), mas foram os metais e, posteriormente, a moeda metálica, com sua durabilidade e fácil divisibilidade que acabaram consagrados como o principal meio de troca das antigas civilizações.

Imagine como teria sido difícil manter o Império Romano sem moedas, se o imperador tivesse que recolher impostos e pagar salários com cevada e trigo. Seria impossível recolher impostos em cevada na Síria, transportar os fundos para o tesouro central em Roma e transportá-los novamente para a Britânia para pagar as legiões locais (HARARI, 2015).

Segundo historiadores, foi no quarto milênio a.C., quando se formaram as primeiras cidades na Mesopotâmia, que o homem passou a pensar em termos de objeto que ajudavam a traduzir valores. Antes disso, não havia concentração humana que justificasse essa ideia abstrata. Foi no Oriente Médio, lugar culturalmente mais rico da Antiguidade, que o dinheiro se difundiu, passando a existir como dinheiro de metal cerca de 2.500 a.C. A primeira grande revolução monetária ocorreu no século VII a.C., no reino da Lídia, onde hoje fica a Turquia. Lá foi inventada a moeda moderna, com todas as características básicas das atuais. Entre os anos 640 a.C. e 630 a.C., o

homem chegou, finalmente, à cunhagem de moedas. (BC: FIQUE POR DENTRO, 2008, p. 6).

Figura 1 – Moeda de ouro cunhada no antigo reino da Lídia.



Fonte: National Geographic, 2017.

Apesar de, atualmente, não serem tão valiosas quanto nos tempos do Reino da Lídia ou do Império Romano, as moedas ainda desempenham importante função como meio de troca no mundo inteiro.

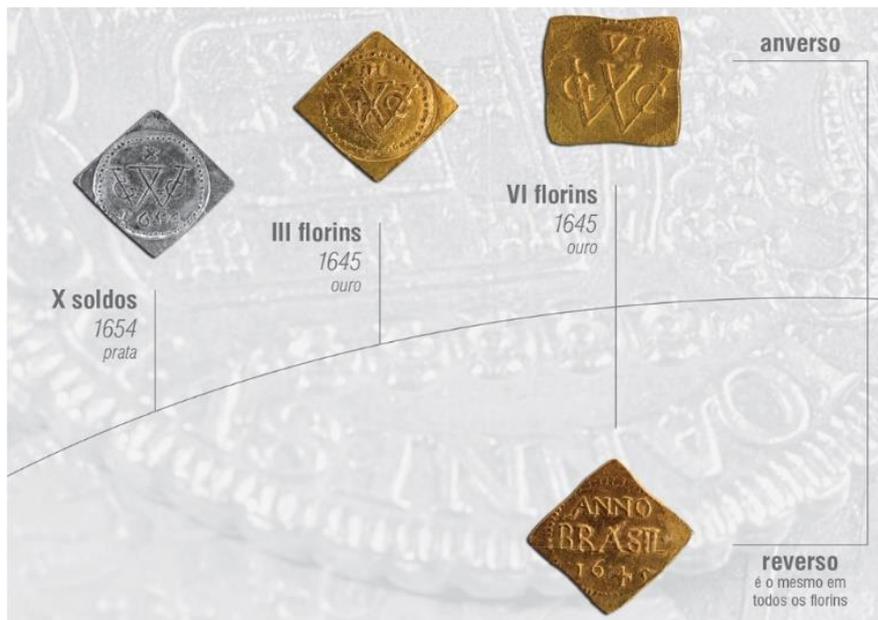
2.1 A CHEGADA DA MOEDA AO BRASIL

A primeira moeda que circulou pelo Brasil foi o Real português, o qual foi popularmente substituído por Réis. No entanto, devido à insuficiência de moedas nos dois primeiros séculos de colonização (XVI e XVII), o escambo foi amplamente utilizado nas negociações entre nativos e europeus, com destaque para mercadorias como açúcar, fumo, tecidos de algodão e pau-brasil. Cabe destacar também a grande circulação das moedas espanholas, principalmente durante o período da União Ibérica.

Apesar do domínio português e espanhol na região, foram os holandeses os primeiros a cunhar moedas no Brasil, fato ocorrido durante o seu domínio no nordeste brasileiro, entre os anos de 1630 a 1654. Quadradas, pequenas, feitas de

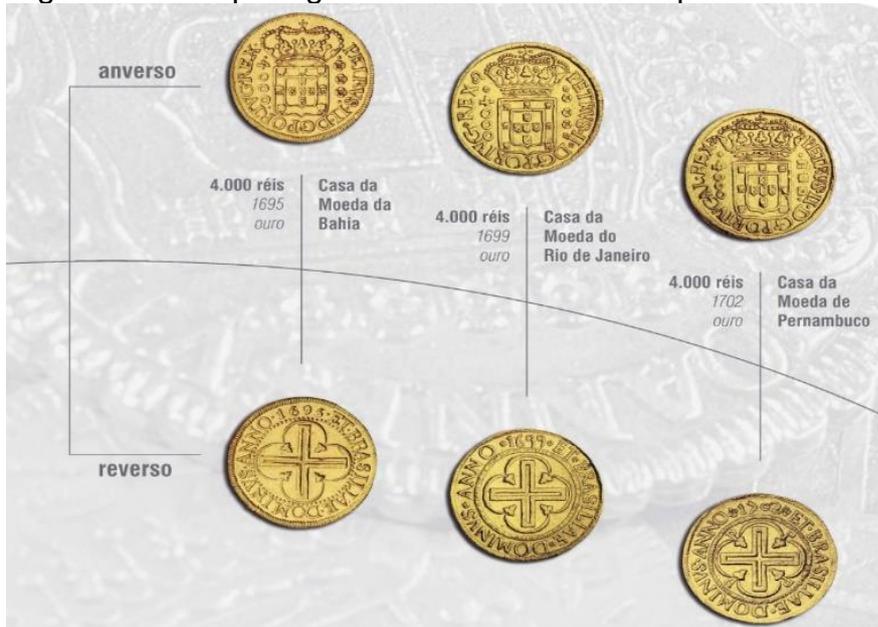
ouro e prata, os Florins holandeses surgiram em Pernambuco, em 1645, sendo destinadas ao pagamento de fornecedores e de suas tropas cercadas pelos portugueses. Elas traziam a marca da Companhia das Índias Ocidentais (GWC) no anverso e e, no reverso, a palavra Brasil. (BC: O DINHEIRO NO BRASIL, 2007).

Figura 2 - Florim holandês, a 1ª moeda cunhada no Brasil.



Fonte: Banco Central do Brasil, 2007, p. 7

Figura 3 - Real português cunhado no Brasil a partir de 1695.



Fonte: Banco Central do Brasil, 2007, p. 8



2.2 O USO DE MOEDAS NO BRASIL ATUAL

Que a moeda metálica desempenhou papel importantíssimo no desenvolvimento das trocas comerciais em todas as partes do mundo não restam dúvidas, difícil é entender porque no Brasil ela é tão pouco utilizada. Baixa produção de moedas não seria o motivo, pois segundo o próprio Presidente do Banco Central do Brasil, Sr. Ilan Goldfajn: “a proporção de moedas em relação ao total do meio circulante no Brasil é da ordem de 2,8%, estando alinhada a parâmetros internacionais — que variam de 2,3% a 3,0% — indicando que a disponibilidade atual atenderia às necessidades do meio circulante”.

Conversando com as pessoas percebemos que as justificativas para não as carregar são inúmeras: “são pesadas demais”; “é muito fácil perdê-las”; “fazem muito barulho”; “as cédulas são mais práticas”; “dou para meu filho colocar no cofrinho”, etc. Infelizmente esse desprezo pelas moedinhas tem um alto preço, somente para o ano de 2018 o Banco Central do Brasil planeja colocar em circulação mais de 423.376.000 de moedas, que custarão aos cofres públicos mais de 155 milhões de reais. Lembrando que esse valor refere-se apenas ao custo de produção, não estamos levando em consideração os gastos com segurança, armazenagem e transporte envolvidos até a sua efetiva entrada em circulação.

Diferentemente das cédulas, que sofrem desgaste e são constantemente substituídas pelo Banco Central, as moedas possuem vida útil indeterminada e raramente são retiradas de circulação. Considerando apenas o período de 1994 (início do Plano Real) até 2017, já foram colocadas em circulação mais de 26 bilhões de moedas, em um país que possui aproximadamente 207,7 milhões de habitantes, obtemos a média de 125,79 moedas para cada cidadão brasileiro. Estivesse toda essa quantidade em circulação, certamente não estaríamos falando de problemas como a falta de troco.

Figura 4 - Máquina troca moedas por cupons com bônus de 2 a 10%, uma das soluções encontradas pelos comerciantes.



Fonte: UOL Economia, 2014

Entretanto, essa não é a nossa realidade e frequentemente são veiculadas em nossa imprensa reportagens sobre as consequências da escassez de moedas no mercado, muitas vezes mostrando as estratégias adotadas por comerciantes para contornar as dificuldades geradas, com soluções que vão desde fornecimento de balas à bônus para quem fizer o pagamento de suas compras em moedas. Importante destacar também que a ausência de troco pode contribuir para o aumento da inflação, pois muitos comerciantes, já imaginando os problemas que terão pela frente, acabam arredondando os preços de seus produtos para cima.

3. ENTREVISTAS

No período de dezembro/2017 a janeiro/2018 foram realizadas entrevistas com vinte pessoas, dentre moradores e comerciantes, das cidades de Camaçari/BA e Salvador/BA. A pesquisa expôs as dificuldades enfrentadas e também o que eles consideram necessário para resolver o problema da falta de moedas.

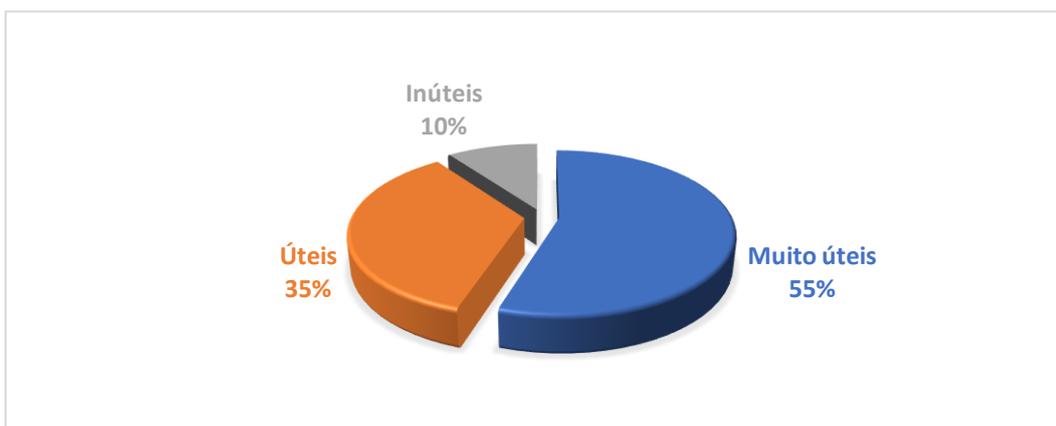
A grande maioria (90%), relata que tem ou já teve algum contratempo ocasionado pela falta de troco, se considerarmos apenas os comerciantes esse percentual sobe para 100%. Muitos relataram que a situação ficou ainda pior nos

últimos 6 meses, fato este que pode ser consequência dos recentes cortes orçamentários realizados pelo governo federal que atingiram também a produção de dinheiro pela Casa da Moeda do Brasil.

Para termos uma ideia dessa redução, basta observarmos os dados disponíveis no site do Banco Central do Brasil. Em 2017 foram produzidas 768.672.000 de moedas, já para 2018 está prevista a cunhagem de somente 423.376.000 de moedas, ou seja, uma redução de aproximadamente 45% em relação ao ano anterior.

Foi possível constatar também que a relação do brasileiro com seu dinheiro metálico é um pouco paradoxal, durante as entrevistas, 90% classificaram as moedas como úteis ou muito úteis para o nosso dia a dia, porém, apenas 10% dos entrevistados possuíam alguma moeda no bolso. Em outras palavras, muitos as consideram importantes, mas poucos estão dispostos a carregá-las.

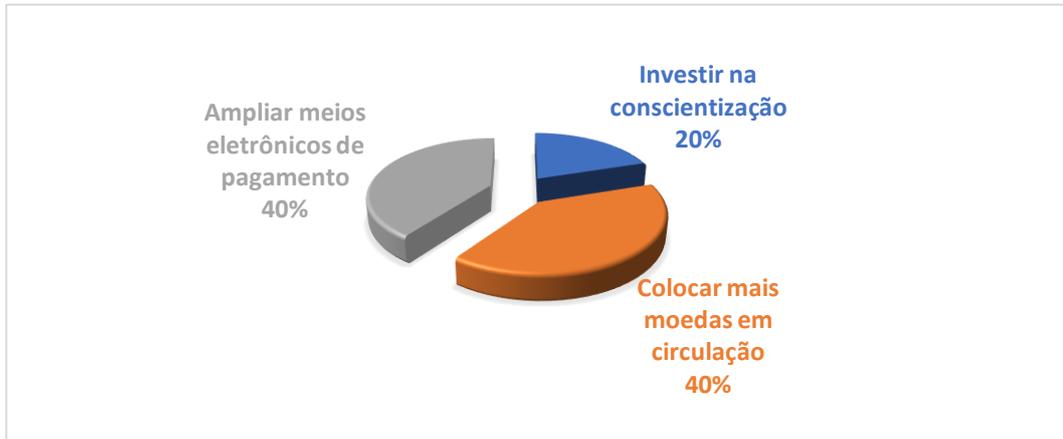
Gráfico 1 - Que importância você atribui às moedas para as transações comerciais?



Fonte: Ferro, 2018

Quando questionados sobre “que medidas poderiam ser adotadas para solucionar o problema”, a divisão ficou mais equilibrada, 40% acreditam que o governo deveria colocar mais moedas em circulação, enquanto outros 40% defendem que o ideal seria investir na ampliação dos meios de pagamento eletrônico (cartões de crédito e débito, aplicativos para celulares, etc.).

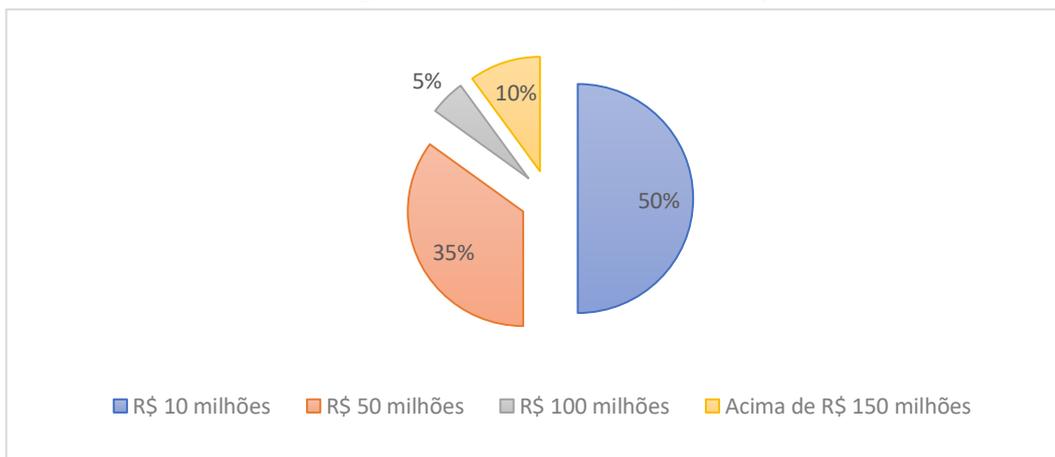
Gráfico 2 - Que medidas deveriam ser adotadas para resolver a escassez de moedas?



Fonte: Ferro, 2018

A última pergunta do questionário tinha o objetivo de mensurar o grau de informação das pessoas sobre o quanto o governo investe, anualmente, na produção de moedas.

Gráfico 3 - Quanto será gasto em 2018 com a produção de moedas?



Fonte: Ferro, 2018

Analisando o terceiro gráfico podemos perceber que metade dos entrevistados acreditam que o valor gasto pelo governo durante o ano é de aproximadamente 10 milhões de reais. Apenas 10% escolheram a alternativa correta, a qual afirmava que os custos envolvidos na produção do dinheiro metálico para este ano serão superiores a 150 milhões de reais.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de sua existência milenar, de ter desempenhado um papel fundamental para o desenvolvimento das transações comerciais no mundo inteiro, a relação entre o brasileiro e suas moedas metálicas parece estar cada dia mais difícil. O entesouramento de moedas não é uma exclusividade do Brasil, diversos países também enfrentam esse problema, mas aqui ele toma proporções gigantescas. Segundo o Presidente do Banco Central, em discurso proferido durante o lançamento da campanha “Caça ao Tesouro”, em agosto/2017, “mais de 8,7 bilhões de moedas estão fora de circulação, isso representa cerca de 35% do total”.

Se levarmos em consideração os custos de produção atuais, a fabricação de uma moeda custa aos cofres públicos, em média, R\$ 0,38. Multiplicando esse valor pela quantidade que está fora de circulação obtemos a quantia de 3,306 bilhões de reais, lembrando que não estamos considerando os gastos com logística e segurança necessários até a sua efetiva entrada em circulação.

Talvez esse desprezo do brasileiro por moedas possa ser explicado, em parte, como um resquício dos tempos de hiperinflação, que enfrentamos principalmente nas décadas de 80 e 90. Se naquela época uma cédula de dinheiro, com valor de face muito maior, perdia seu poder de compra em poucos meses, o que dizer das “pobres” moedinhas.

Durante a pesquisa, questiona-se também se eles seriam a favor da criação de uma moeda com valor de face maior, 80% dos entrevistados reprovaram a ideia. Cabe salientar que, o mesmo questionamento foi realizado em pesquisa encomendada pelo Bacen em 2013 e 76% dos entrevistados também se manifestaram contrários a criação de uma moeda com valor superior a 1 real. (O BRASILEIRO E SUA RELAÇÃO COM O DINHEIRO, 2013, P. 74). Considera-se importante incluir essa pergunta por entender que a criação de moedas de 2 e 5 reais, por exemplo, poderia trazer alguns benefícios como: gerar economia para os cofres públicos, tendo em vista que, ao contrário das cédulas de 2 e 5 reais, as moedas possuiriam vida útil indeterminada; além de incentivar uma mudança de hábito da população, pois mesmo contra sua vontade o cidadão seria “forçado” à carregá-las e dificilmente alguém “esqueceria” uma moeda de 5 reais dentro de uma gaveta.



No entanto, acredita-se que o uso de moedas esteja caminhando para o seu fim, mas claro que isso ainda levará alguns anos. Digo isso por saber que mudar a cultura e os hábitos de uma população é um longo processo que demanda tempo e dinheiro e, ao que parece, o brasileiro não está disposto a mudá-los. Prova disso é que, na mesma pesquisa mencionada no parágrafo anterior, perguntaram aos entrevistados se eles “utilizariam o serviço de saque ou depósito de moedas em caixas eletrônicos” e a maioria, 48% deles, respondeu que “não usaria” (2013, p. 38).

Muitos recursos já foram gastos em campanhas com o objetivo de incentivar as pessoas a colocarem suas moedas em circulação, entretanto, pelos números que acabamos de observar, parecem não estar alcançando o sucesso almejado. Talvez seja necessário acrescentar a essas campanhas informações mais diretas, deixando claro os custos envolvidos na confecção e distribuição de moedas, pois grande parte da população brasileira parece ainda não ter compreendido que dinheiro custa muito dinheiro.

Colocar ainda mais moedas em circulação na esperança de que em algum momento o problema da falta de troco será resolvido de maneira definitiva, ideia defendida por 20% dos entrevistados, também não parece ser uma boa solução, basta observar todo o trabalho e recursos que já foram gastos para abastecer um mercado que mais parece um poço sem fundo.

Por fim, entende-se que a saída para o problema de escassez de moedas esteja no desenvolvimento dos meios de pagamentos eletrônicos, investindo no aumento da segurança e no alcance desses meios de pagamento, a exemplo do que já vem ocorrendo em países europeus como Holanda e Suécia, onde “o dinheiro em espécie está praticamente em vias de extinção - a ponto de alguns estabelecimentos simplesmente recusarem cédulas ou moedas”. (BBC Brasil, 2016).

Em nossos grandes centros urbanos essa transformação já vem ocorrendo, pegar um táxi e abastecer o carro sem tocar em dinheiro, fazendo uso apenas de seu celular, já é uma realidade presente no dia a dia de muitos brasileiros. Porém, não podemos esquecer que vivemos em um país de dimensões continentais, onde boa parte da população ainda vive em regiões de difícil acesso e sem a infraestrutura básica para o funcionamento desses meios de pagamento (energia elétrica, internet, sinal de celular, etc.).



REFERÊNCIAS

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Custo de produção de Cédulas e Moedas e vida útil teórica das cédulas.** Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/bc_atende/port/MeioCirc_CustoProd.asp?idpai=FAQCIDA> . Acesso em 09 dez. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Fique por dentro.** 4ª edição. Brasília, 2008.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Moedas do Real – Circulação comum.** Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/museu/moedas/real_circulacao.asp?idpai=MOREAL94>. Acesso em 09 dez. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **O brasileiro e sua relação com o dinheiro – 2013.** Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/htms/mecir/Apresentacao-PopulacaoEComercio-2013.pdf>>. Acesso em 09 dez. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **O dinheiro no Brasil.** 3ª edição. Brasília, 2007.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Programa Anual de Produção – 2018 – Moedas.** Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/htms/mecir/real_pap_moedas.asp?idpai=MOEDA>. Acesso em 09 dez. 2017.

BBC BRASIL. **Os países onde o dinheiro vivo está prestes a ser extinto.** Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-38131182>>. Acesso em: 05 mar. 2018.



ESTRELA, Márcio Antônio. **Moeda, Sistema Financeiro e Banco Central: uma abordagem teórica e prática sobre o funcionamento de uma autoridade monetária no mundo e no Brasil.** Brasília, 2010.

GOVERNO DO BRASIL. **População brasileira passa de 207,7 milhões em 2017.** Disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2017/08/populacao-brasileira-passa-de-207-7-milhoes-em-2017>>. Acesso em 20 jan. 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Uma Breve História da Humanidade Sapiens.** 7ª edição. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

MACHADO, Cristiane Salvan et al. **Trabalhos acadêmicos na Unisul:** apresentação gráfica. 2. ed. rev. e atual. Palhoça: Ed. Unisul, 2013.

NATIONAL GEOGRAPHIC. **Creso de Lidia: el rey que nadaba en oro.** Disponível em: <http://www.nationalgeographic.com.es/historia/grandes-reportajes/creso-de-lidia_7759/1>. Acesso em: 05 mar. 2018.

UOL ECONOMIA. **Conheça a máquina que recolhe moedas e dá bônus.** Disponível em: < <https://economia.uol.com.br/empreendedorismo/album/2014/02/04/conheca-a-maquina-que-recolhe-moedas-e-da-bonus.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 20 jan. 2018.